

# O DIÁRIO DO ZEZINHO (8) — “Arregaçar” ou não a “pilhina”?



M. PEDRO FREITAS \*

**Apesar da longa lição sobre a “pilhina” e respectiva fimose, o Pediatra, “rato” como é, ainda teve tempo para lançar uma verde, na esperança de apanhar uma madura e perguntou à minha mãe: “Então quantas vezes o menino já caiu da cama em baixo?” Apanhada de surpresa com a pergunta, a minha mãe gaguejou, gaguejou e lá confessou: “Oh! Ele já caiu uma vez!”**

**A**o completar quatro meses, fui a uma consulta de rotina. Na altura, para além das malditas vacinas, o pediatra recomendou a substituição de uma refeição láctea por uma papa, dada à colher, coisa que lá em casa toda a gente e, principalmente, minha avó e minha tia-avó aguardavam com alguma ansiedade. Com efeito, havia já algumas semanas que as velhotas, entre dentes, insinuavam que no tempo delas os bebés da minha idade já comiam papas de farinha torrada, açorda e sopa, ao que a minha mãe, umas vezes, fazia “ouvidos de mercador” e, outras, dizia que nessa altura os tempos eram outros. Ainda que tivesse curiosidade de ver como é que eu reagia às papas e à colher, a minha mãe sabia que estes alimentos não eram introduzidos antes dos 4 meses. É claro que, logo após a consulta, quando recebi “luz verde” do Pediatra para a introduzir, foi a correr à farmácia comprar uma farinha, tendo a preocupação de verificar se era adequada à minha idade e se estava desprovida de glúten.

Quando cheguei a casa, a minha avó logo perguntou se eu já podia comer papas. Perante a resposta afirmativa e vendo que, no meio dos sacos que minha mãe colocara em cima da mesa da cozinha, estava uma caixa de papas, ninguém pensou noutra coisa senão experimentar para ver se eu gostava ou não.

Naturalmente que, para castigo, as fiz apanhar a maior decepção da vida delas. Então não é que, estando eu já com alguma fome, à espera da mama da minha mãe ou de um biberão, me colocam uma porcaria de uma “pazinha” fria e dura na boca, cheia com uma coisa amarelada e horrorosa! É óbvio: a primeira coisa que pensei foi que me estavam a “envenenar” e, por isso, nem pensei duas vezes e com toda a força que me foi possível arranjar cuspi tudo e todos.

Depois de alguns minutos de luta, em que me tentavam introduzir aquela porcaria e eu deixava-a fora, lá minha mãe acabaria por desistir, optando por me dar uma refeição de leite. Naturalmente que se deve ter lembrado das palavras do Pediatra relativamente à diversificação alimentar e, por isso, compreendi a minha reacção e não insisti muito. Contudo, no dia seguinte, depois de me terem dado uma ou duas refeições de leite, lá voltam à cena do dia anterior. Desta vez, depois de uma reacção inicial de expulsão, acabaria por, sem querer, deglutir um pouco daquilo que me estavam a tentar dar.

Afinal, não era tão mau como inicialmente parecia. A chatice é que, contrariamente ao leite, não era chupado, o que me fazia uma confusão dos diabos.

No princípio não conseguia atinar com aquilo! De qualquer forma, como não sou nada burro, logo me adaptei ao novo alimento e à tal pazinha, a que chamam de colher, e até consegui ser mais rápido a engoli-lo do que a minha mãe a colocá-lo na minha boca, o que me fazia perder o ritmo e me enervava imenso.

Esta boa adaptação ao novo alimento encheu de alegria todos lá em casa.

Apesar da felicidade de minha avó, havia algo que a continuava a perturbar. Era a minha “pilhina”.

Algumas vezes já a tinha visto olhar para a minha “pilhina” com um ar desconfiado, tendo chegado mesmo a tentar “arregaçá-la”! Deus me perdoe, os maus pensamentos que cheguei a ter!

Contudo, acabei por ficar mais descansado quando, em determinado dia, estando minha mãe a dar-me banho, minha avó entrou no quarto e disse-lhe: “Vês, ele tem a pilhina apertada, é preciso arregaçá-la, senão mais tarde ele vai ter problemas e terá de ser operado”.

O meu pai, que estava por perto, também fez questão de ver o que se passava e até mandou uma piada ao pediatra: *Como era possível ainda não ter visto este problema?*

No “orgulho de macho”, o meu pai não perdoa!

Afinal de contas, conclui eu, o manuseamento da minha “pilhina” era um problema mais grave e não tinha nada a ver com aqueles filmes que o meu pai às vezes a altas horas da noite se põe a ver na TV Cabo! Depois de tanta insistência da minha avó e perante a reacção do meu pai, a minha mãe acabaria também por ficar preocupada e logo se apressou a tomar nota no seu papelinho, ou seja, no seu auxiliar de memória, para numa próxima consulta não se esquecer de referir ao Pediatra.

É claro que, com isto tudo, quem não ficou alheio a este problema fui eu e, durante várias noites, tive pesadelos. Na minha mente, tal como acontece no rodapé do ecrã de televisão, só via passar interrogações:

Será que a minha avó tem razão? Será que o meu pénis não vai crescer? Será que vou conseguir ser um macho como meu pai? Nem será preciso dizer que, quando fui à consulta dos cinco meses, a minha mãe quase não deixava o Pediatra observar-me para colocar em “pratos limpos” este assunto.

Relativamente à “pilhina”, ou seja, ao pénis, o Pediatra diria que *praticamente todas as crianças nascem com um aperto na pontinha — fimose —, isto é, com o prepúcio (pele que cobre o pénis na zona da glande ou “cabeça”) a cobrir completamente a glande e de tal forma apertado e colado que quase nem deixa ver o meato urinário. Ora, se quase todas as crianças nascem assim, é porque é normal, é fisiológico e, por isso, nestas idades não há necessidade de mexer, a não ser que ele tenha infecções frequentes ou faça “xixi nas botas”, ou seja, que não tenha um bom e forte jacto urinário e, mesmo nestas situações, o mais frequente é ser causado por válvulas da uretra posterior e não pela fimose.*

*Ainda que se possa pensar ao contrário, o facto de as crianças nascerem com fimose não tem a ver com nenhuma birra do “Criador”, nem com a existência de qualquer negócio entre Este e os cirurgiões, mas sim com a necessidade de proteger a pele da glande que é muito sensível, contra os efeitos da urina e das fezes e ainda contra o atrito da fralda, o que faz com que, com raras excepções, eventuais intervenções no sentido da sua correcção nunca devam ser feitas antes da retirada das fraldas.*

*Com o tempo, em consequência do crescimento do pénis (a fimose não impede o crescimento do pénis) e das erecções que ocorrem com alguma frequência, nomeadamente aquando das micções, o prepúcio vai-se alargando e descolando da glande que fica assim descoberta e, aos 3 anos, cerca de 90% das crianças já não têm fimose.*

*Por esse facto é que a separação entre a glande e o prepúcio deverá ocorrer ao natural ou ser protelada até aos 3 ou 4 anos, até porque às vezes as tentativas de forçar o prepúcio nesta separação podem levar a pequenos traumatismos locais com formação de tecido cicatricial e agravamento da fimose fisiológica ou formação de uma fimose secundária.*

*Para além disso, o desconforto e a dor provocada pelas tentativas de retracção do*

*prepúcio podem criar na criança medo de que alguém mexa nos seus genitais, medo esse que interfere na higiene peniana. Apesar da longa lição sobre a “pilhina” e respectiva fimose, o Pediatra, “rato” como é, ainda teve tempo para lançar uma verde, na esperança de apanhar uma madura e perguntou à minha mãe: *Então quantas vezes o menino já caiu da cama em baixo?* Apanhada de surpresa com a pergunta, a minha mãe, gaguejou, gaguejou e lá confessou: *Oh! Ele já caiu uma vez!**

*Pois é, respondeu o Pediatra. *Deu-lhe banho, mas, como antes do banho não preparou os cremes, a fralda, a roupa, etc., depois, teve de o deixar em cima da cama enquanto foi buscar aquilo que faltava?**

*Foi, respondeu a minha mãe!*

Ao ouvir esta conversa, até senti uns calafrios só de me lembrar o susto que apanhei quando caí da cama da minha mãe. Felizmente foi só o susto, mas podia assim não ser!

É claro que, na sequência deste acto de confissão da minha mãe, o Pediatra lhe aplicou a devida penitência: ouvir mais um sermão, desta vez sobre os acidentes na criança. Segundo o pediatra, *apesar de tal poder acontecer antes, a criança entre os 4,5 e os 5 meses começa a rolar sobre si própria e, em consequência, poderá mudar de posição e cair se estiver sobre locais altos e sem protecção. Se estas quedas, na maior parte das vezes, não têm qualquer problemas, outras poderão ter.*

Feitos estes esclarecimentos e relembra da necessidade de fazer a segunda dose de “Prevenar”, a vacina contra o pneumococo e “Meningitec”, a vacina contra o meningococo C, o Pediatra terminaria recomendando a introdução de um puré, ou seja, a substituição de uma refeição de leite por um puré de legumes.

Ao ouvir isto fiquei, por um lado, triste e, por outro, satisfeito. Triste porque uma vez mais iria levar picadelas e satisfeito porque iria ter a oportunidade de experimentar mais um alimento novo. ■

\* Médico Pediatra

**Nota:** Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses, decidi, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever incumbi essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto e 6 de Setembro) foram publicadas as peripécias por que passou desde o nascimento.